



O ensino de Jornalismo no Paraná: dicotomia entre teoria e prática e o currículo que está por vir¹

Luis Otávio Dias²

Rosa Maria Cardoso Dalla Costa³

Universidade Federal do Paraná, UFPR

Resumo

Este texto apresenta uma discussão sobre os desafios do ensino de Jornalismo no Paraná diante das Novas Diretrizes Curriculares, aprovadas em 2013, e das mudanças introduzidas na sociedade do século XXI pelas Tecnologias da Informação e Comunicação. Inicialmente, apresenta o escopo da pesquisa com foco na contextualização e avaliação do problema, trazendo um panorama de discussão sobre o ensino de Jornalismo no Brasil e na frequente dicotomia entre teoria e prática. Em seguida, faz um breve relato sobre o ensino de Jornalismo no Paraná, com um estudo exploratório das matrizes curriculares dos cursos de Jornalismo nas universidades contempladas pela pesquisa, destacando como temas relacionados ao universo *online* aparecem nas disciplinas das grades curriculares dos referidos cursos.

Palavras-chave: ensino de jornalismo; problematização; novas tecnologias; matrizes curriculares

1. Introdução

O Paraná possui atualmente 22 cursos de graduação em Jornalismo, espalhados por diferentes instituições públicas e privadas em todo Estado, segundo dados do Sindicato dos Jornalistas Profissionais (Sindijor/PR). Muitos deles foram implantados após os anos de 1990 e não sofreram as constantes transformações no currículo dos últimos 65 anos, que buscaram, constantemente, sanar a distância entre teoria e prática na profissão. Uma constante percebida não apenas nas intervenções sofridas pelas

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Jornalista, doutorando em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e professor de Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter – PR, e-mail: fototavio@yahoo.com.br

³ Orientadora da pesquisa. Jornalista, graduada em Comunicação Social pela UMESP (Universidade Metodista de São Paulo), bacharel em Direito pela Unicuritiba (Centro Universitário Curitiba), mestre em Educação pela UFPR (Universidade Federal do Paraná), doutora em Ciência da Informação e da Comunicação pela Paris VII – (Université Vincennes- Saint Denis) e pós-doutora em Ciências da Informação e da Comunicação pela Maison Des Sciences de l’Homme (MSH Paris Nord). Professora do Departamento de Comunicação Social e dos Programas de Pós Graduação em Educação e em Comunicação da Universidade Federal do Paraná, desde 1998. Diretora Cultural da Intercom – gestão 2009-2011 e 2012- 2014, e-mail: rmdcosta@uol.com.br



diretrizes, que acabam por definir os currículos, mas também pelas instituições de ensino superior, atreladas a políticas educacionais, que, muitas vezes, impossibilitam o curso de acompanhar os avanços do mercado na prática. Os desafios do ensino do jornalismo no Paraná são reflexos aparentes do que ocorreu, e vem ocorrendo, com o ensino de Comunicação no Brasil.

Esta pesquisa, em andamento no doutorado em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR) - 2014/2018 - tem o desafio de analisar o ensino de Jornalismo no Paraná e seu lugar em um universo cada vez mais digital com o qual se depara a profissão, que pede mudanças na formação, nas habilidades e no fazer Jornalismo no século XXI. Estendem-se a esse estudo acompanhar e servir de apoio a convênio firmado entre a UFPR e a Université Lumière Lyon II (Universidade de Lyon), na França, sobre “Novas Práticas Jornalísticas”. Das 22 duas instituições, optou-se realizar o estudo em oito delas, entre as que se configuram com o estatuto de universidade.

Torna-se relevante fazer uma reflexão sobre o uso de novas tecnologias no ensino de Jornalismo e a adaptação e incorporação de disciplinas do universo *online* e teorias que envolvem ambiente *web*, informação e sociedade, considerando a necessidade de se avançar e rediscutir o currículo e práticas pedagógicas das instituições aqui pesquisadas, frente ao cenário que se apresenta de um mercado em constante transformação, que vem exigindo um profissional mais consciente do seu papel em um mundo cada vez mais conectado e que vai encontrar um ambiente de trabalho de multiplataformas; ao aluno, que traz consigo uma carga de conhecimento e interatividade acumulados; e aos desafios do educador para suprir a demanda de uma sociedade da informação. Soma-se a essas indagações o amplo debate que se faz, nesse momento, entre professores e coordenadores de cursos de Jornalismo em todo Brasil, sobre as novas diretrizes curriculares aprovadas pelo Ministério da Educação (MEC), em setembro de 2013, para serem implantadas até setembro de 2015.

Resultado de um processo de lutas dos sujeitos envolvidos – profissionais e professores e suas respectivas entidades representativas – essas novas diretrizes trazem como principais mudanças a separação das habilitações de Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda, que, até então, conviviam organicamente no curso de Comunicação Social. A partir delas, é criado o Bacharelado em Jornalismo, ou seja, as antigas habilitações são separadas em cursos distintos. As Novas Diretrizes Curriculares apresentam seis eixos fundamentais: fundamentação humanística,



fundamentação específica, fundamentação contextual, formação profissional, aplicação processual e prática laboratorial. As matrizes curriculares dos cursos devem ser construídas a partir desses eixos, devem promover um maior equilíbrio entre teoria e prática e possibilitar aos alunos contato com sua realidade desde o primeiro ano do curso.

O projeto de pesquisa faz um levantamento da adequação dos cursos de Jornalismo das universidades públicas e particulares do Paraná, pelo seu comportamento diante dos novos modelos tecnológicos de comunicação. Nessa etapa, optou-se como metodologia ir aos documentos e fazer um levantamento sobre as matrizes curriculares em vigor nas instituições, para verificar se o projeto de ensino incorporou o Jornalismo Digital como disciplina, além da pesquisa bibliográfica sobre o tema.

1.1 Refletir o problema da pesquisa

A avaliação do problema de pesquisa, neste contexto, nos remete a decifrar mais uma vez a lacuna existente entre teoria e prática, identificada por Meditsch (2012), quando estudou o curso de Jornalismo da Universidade de Santa Catarina e percebeu que a busca de uma adequação da teoria com a prática jornalística envolvia conceitos, professores – teóricos e práticos – e os formandos, que, em seus trabalhos de conclusão de curso, “reclamavam da impossibilidade de exercitarem a visão crítica da sociedade, que receberam nas disciplinas teóricas, no momento em que vão assumir o papel social de jornalistas.” (MEDITSCH, 2012, p. 30)

A visão de Lins da Silva (1982), utilizada por Meditsch (2012, p. 29), ao refletir sobre a postura teórica que analisa o Jornalismo, na busca uma adequação da teoria com a prática jornalística, incorporou uma discussão sobre a adequação dos conceitos básicos para a transformação de uma prática existente. “A discussão centra-se hoje na adequação ou não dos conceitos como ‘indústria cultural’, ‘aparelhos ideológicos de estado’ e ‘hegemonia’.” As incertezas ainda permeiam tal discussão.

O debate sobre a adequação desses conceitos ainda é incipiente e não pôde demonstrar toda a sua fecundidade. Implícitas em cada um deles estão diferentes visões do Jornalismo, da produção da ciência e da própria história. Assim, a discussão sobre a teoria e a prática nos cursos de Jornalismo ultrapassa os limites do discurso jornalístico, do discurso científico e do discurso histórico, para se tornar uma discussão sobre esses discursos. O



debate sobre o problema continua sem uma solução definitiva, a não ser sobre a natureza do próprio debate que passa a ser epistemológica. (MEDITSCH, 2013, p. 29)

Buscando entender as transformações da atividade do jornalista, o 4º Encontro de Paulista de Professores de Jornalismo, realizado na Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo, em outubro de 2008, teve como tema o ensino de Jornalismo diante dos desafios das novas tecnologias. O assunto tornou-se recorrente em congressos nacionais e internacionais, e tem sido debatido constantemente pelo FNPJ (Fórum Nacional de Professores de Jornalismo). Carlos Costa⁴ elucidou questões centrais tratadas no evento da Cásper Líbero, “apontando a que entendem que o curso de Jornalismo deve estar atento para formar profissionais que ‘deem conta do recado’”. (COSTA, 2008).

O jornalista Eugênio Bucci, doutor, professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP), abriu o evento, defendendo que é preciso dar ênfase na formação profissional para enfrentar a nova realidade do mercado de comunicação. A postura de Bucci (In COSTA, 2008) eleva a discussão a um patamar que coloca as universidades em xeque, ao pontuar que a imprensa mudou, desde a criação, em 1912, do primeiro curso de Jornalismo pela Universidade de Columbia, nos Estados Unidos.

“[...] os suportes da velha mídia foram transformados, parecendo hoje mais uma rede de vasos comunicantes com uma circulação sanguínea comum. No entanto, lembra Bucci, continuamos a ministrar em nossas escolas cursos de Jornalismo impresso, radiofônico, televisivo e *online*, como se nada estivesse acontecendo lá fora, como se a convergência não fosse uma realidade.” (BUCCI In COSTA, 2008, p. 10)

Dessa forma, a problematização estruturada por Bucci, à época, torna-se atual ao direcionarmos a pergunta para o futuro como ele propôs: “O Jornalismo será essencial ou a sociedade poderá se comunicar e debater sem a presença de um profissional como o jornalista?”.

O jornalista continuará figura indispensável à sociedade, mas não na forma do profissional que conhecemos hoje. Embora o fluxo das informações da sociedade necessite da organização da imprensa como a conhecemos, a atuação do jornalista como *gatekeeper* já não se justifica. Pois as informações não mais dependem dos meios convencionais de comunicação para chegar ao público. (BUCCI In COSTA, 2008, p. 10)

⁴ Doutor em Ciências da Comunicação (ECA-USP), coordenador de Ensino de Jornalismo e professor da Faculdade Cásper Líbero. E-mail: carlos.costa@facasper.com.br



O segundo dia do encontro paulista abordou o tema “Novas tecnologias nas matrizes curriculares”. Na ocasião, os debatedores chegaram a uma conclusão de uma urgente revisão curricular que contemplasse disciplinas para suprir o aprendizado e práticas de mídias, mas o encontro deu o seu recado, quando a ênfase do debate ficou por conta do ensino humanista, de formar jornalistas pensantes, capazes de refletir a realidade em que atuam.

Um ano depois, em 2009, iniciavam-se as discussões que levaram à aprovação do texto das novas diretrizes para o curso de Jornalismo e Relações Públicas, homologadas em 13 de setembro de 2013, pelo então ministro da Educação Aloízio Mercadante. O texto é resultado de um longo processo de discussão, que contou com a formação de uma comissão de especialistas da área, cujo principal objetivo era o aproximar a metodologia do ensino à prática exercida no mercado. Resultado de um processo de lutas dos sujeitos envolvidos – profissionais e professores e suas respectivas entidades representativas – essas novas diretrizes trazem como principais mudanças a separação das habilitações de Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda, que até então conviviam organicamente no curso de Comunicação Social. A partir delas, é criado o Bacharelado em Jornalismo, ou seja, as antigas habilitações são separadas em cursos distintos.

Embora amplamente discutidas não apenas no meio acadêmico, mas também profissional, a implantação das Novas Diretrizes coloca aos cursos de Comunicação Social de todo o País desafios de ordem institucional, operacional e conceitual.

Desafios que serão sentidos na prática. Grandes empresas de comunicação no Brasil estão se mobilizando para atender melhor seus públicos. Portais de notícias nacionais estão investindo na construção de ambientes virtuais que propiciem personalização de conteúdo na rede e facilidade de navegação para não perder espaço na *web*. Espaço ocupado em abril de 2014, por 93 milhões de internautas brasileiros, segundo pesquisa F/Nazca e Datafolha⁵. A população brasileira conectada é jovem. Setenta e três por cento dos internautas têm menos de 35 anos e a maior parte de quem

⁵ A pesquisa foi realizada entre os dias 9 e 11 de abril de 2014 com uma amostra de 2.600 entrevistas em 144 municípios brasileiros. Pesquisa quantitativa com aplicação de questionário em pontos de fluxo populacional. O universo da análise atingiu a população com 12 anos ou mais, pertencentes a todas as classes econômicas, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Censo 2010/Estimativa 2013): 163.484.154 habitantes. Margem de erro para o total da amostra e total de internautas é de 2 pontos percentuais. Entre os que acessam via celular, sobe para 3 pontos, enquanto que para os conectados via *tablet* é de 6 pontos. Em todos os casos, com nível de confiança de 95%.



acessa à *internet*, 94%, acessa pelo menos uma rede social. A rede móvel está em constante ascensão, no Brasil são 62,5 milhões de pessoas que acessam à *internet* por celular ou *tablet*.

Os números refletem a reformulação pela qual passam os grandes portais nacionais de conteúdo, que passaram a ser pensados com base nos hábitos de leitura e navegação feita entre os usuários. Reportagem de Wellington Moraes, publicada no impresso Meio & Mensagem, em julho de 2014, intitulada “Em nova fase”, mostrou como os portais de notícias brasileiros estão se adaptando aos novos tempos. Uma das mudanças anunciadas foi a do portal do jornal O Estado de São Paulo (www.estadao.com.br), que, segundo o diretor de desenvolvimento editorial do Grupo Estado, Roberto Gazzi, na primeira fase de execução do projeto, já foram investidos R\$ 20 milhões. (MORAES, 2014). A meta do Estadão, que tem atualmente 9,3 milhões de visitantes únicos por mês, é modernizar, simplificar a estrutura de acesso ao portal e torná-la mais atraente e interativa.

Nessa nova configuração, a organização e a escolha das notícias mostradas na *homepage* são relacionadas com o hábito de leitura do consumidor, pontua o diretor de conteúdo do Grupo Estado, Ricardo Gandour. “Os *menus* do *site* passam a acompanhar o leitor durante toda a sua navegação”, detalha o executivo, acrescentando que o objetivo é proporcionar ao público uma experiência interessante de navegação, informação e serviço, mantendo a credibilidade e o prestígio do jornal impresso. (MORAES, 2014, p. 32)

Outra mudança significativa sentida pelo portal Terra (www.terra.com.br) é de que o primeiro contato do leitor ao conteúdo deixou de ser por meio dos portais e passou a ser por meio de buscadores e redes sociais. “Não somos mais um portal, e sim uma plataforma de conteúdo [...] Por isso, é preciso mudar a abordagem estratégica de relacionamento, analisa o CCO global, Roni Cunha Bueno.” (MORAES, 2014, p. 32) As percepções do Terra causam uma ruptura sobre conceitos fundamentais do novo Jornalismo que está por vir, como Meditsch (2012) anuncia. Pode-se aproximar ao problema da pesquisa se os currículos das universidades paranaenses, assim como de todo Brasil, reformulados segundos às Diretrizes do MEC, atendem a uma prática de mercado como a que estamos presenciando. O Terra vai além, ao diagnosticar, por exemplo, que a dinâmica propiciada pela *internet* é uma quebra de paradigma, que resulta na reformulação de como a audiência consome conteúdo e exige que os gestores também reformulem sua visão sobre o assunto. E quem são esses gestores de conteúdos? Quem pensa e escreve os conteúdos que vão parar nos portais de notícias da



internet? De que forma essa personalização acontece? Essas questões permeiam a construção do problema sobre o ensino de Jornalismo no Paraná.

O Terra, assim como outros canais de notícias na *internet*, dispõe de ferramentas que rastreiam dados de navegação do usuário, mas esses dados não eram utilizados, no caso do Terra, para pensar o conteúdo segundo o perfil do leitor. A personalização do conteúdo é pensada, agora, de acordo com o movimento desses leitores dentro da página e as informações são mapeadas em favor dos usuários, chamada pelo Terra de navegação orgânica. O Terra investiu R\$ 10 milhões para implementar essas mudanças.

A personalização do Terra encontra referências em Ferrari (2012) que repensa o conteúdo e formas de estudos sobre como atrair o internauta. A estudiosa e pesquisadora foi uma das jornalistas a estrear experimentos de Jornalismo na *internet* e traz uma contribuição relevante para a refletir o problema que se apresenta nesta pesquisa. Segundo Ferrari, os desafios do Jornalismo Digital passam pelo preparo da redação, do jornalista que deverá trabalhar com diversos tipos de mídia e que o Jornalismo Multimídia precisa de um repórter com uma visão multidisciplinar, com noções comerciais e de *marketing*.

Para se ter uma ideia dessa mudança do fazer jornalístico, o portal G1⁶ prepara o repórter para ir à rua com um *notebook*, um *modem wireless* para acesso à banda larga, uma máquina fotográfica digital, um gravador de áudio digital e um radiocomunicador. A prioridade do repórter é capturar boas imagens do fato, para que o internauta tenha uma melhor visualização da notícia. [...] o jornalista acompanha a audiência de sua matéria em tempo real e dependendo do interesse do leitor, muda a chamada ou destaque. (FERRARI, 2012, p. 40)

Ferrari sintetiza a realidade do dia a dia de um jornalista multimídia, de um profissional que precisa ter domínios de equipamentos tecnológicos, olhar apurado para a fotografia e uma agilidade “impensável nos veículos impressos”. As mudanças são profundas e precisam ser percebidas pelos currículos dos cursos de Jornalismo. A autora busca em Martín-Barbero definições que devem ser comprovadas nas disciplinas e, conseqüentemente, em suas ementas, nos currículos dos cursos das universidades do Paraná, objetos de análise dessa pesquisa.

“Os novos desafios do Jornalismo hoje estão calcados primeiramente na digitalização e ‘multimídiação’ das notícias e na necessidade de dar treinamento às redações, como um todo, e aos jornalistas em particular, para que eles possam dar conta dessas transformações.” (MARTÍN-BARBERO In FERRARI, 2103, p. 40)

⁶ Portal de notícias do grupo Globo.com (www.g1.globo.com)



Ferrari é categórica ao afirmar que a participação das escolas de Jornalismo é fundamental e indispensável para que a prática do Jornalismo Digital evolua. Serão necessárias disciplinas que ensinem o aluno de Jornalismo a criar textos para novas mídias, avaliar páginas *web*, explorar novas tecnologias, aspectos que reforçam a ação dos portais de notícias brasileiros, que demandam, pelo futuro que se apresenta, de um profissional alinhado com esse contexto.

O raciocínio de Pollyana Ferrari e Carlos Costa aponta para uma compreensão diferenciada da função do jornalista. Uma nova postura do profissional que sai das universidades e encontra pela frente um ambiente de trabalho, em que as forças das tecnologias influenciam a produção de notícias, e a divulgação do conteúdo, o que está relacionado ao modo do acesso do público em geral.

Nesta perspectiva, o portal de notícias UOL (www.uol.com.br) implementou a TV UOL, cuja plataforma foi atualizada para aperfeiçoar as transmissões, além de ajustes, testes e atualizações também no projeto gráfico. (MORAES, 2104).

O Globo.com (www.globo.com.br), outro grande portal de notícias brasileiro, pertencente a uma das maiores empresas de comunicação da América Latina, a Rede Globo, acredita que a evolução é constante e indispensável. No Globo.com, o conteúdo também é a palavra-chave de todo esse processo evolutivo, ao desenvolverem um novo *design* que valoriza a apresentação do texto. O CEO da Globo.com, Juarez Queiroz, contextualiza que as mudanças no Globo.com incluem ainda novas ferramentas de interatividade, desenhadas para aumentar o nível de engajamento da audiência tanto na *internet* quanto na TV. O conteúdo é o eixo no qual gira toda essa engrenagem.

Adicionamos mais inteligência à oferta de conteúdo, com áreas que se adaptam a partir das informações do comportamento e preferência de cada usuário, complementando o trabalho editorial que todos conhecem com o panorama de tudo de mais importante que está acontecendo agora em notícias, esportes, entretenimento e tecnologia”, explica. [...] Seja para informar ou para divertir e emocionar, é o conteúdo que as pessoas buscam e esse será sempre o maior valor que entregamos à nossa audiência. Uma boa história será sempre uma boa história e nunca ficará defasada. O que muda é a velocidade e a forma como as pessoas acessam e interagem com essas histórias, como consequência de inovações tecnológicas, pontua. (MORAES, 2014, p. 33)

Há questões em aberto sobre o futuro da comunicação e do ensino de Jornalismo. A informação circula nessa onda, basta sabermos o que os cursos de Jornalismo estão fazendo para preparar seus profissionais para essa realidade. O



problema que se coloca à pesquisa sobre o ensino de Jornalismo no Paraná está diretamente ligado a essas questões; pensar novas práticas parece urgente e imediato às universidades. Não se pode ignorar as constantes transformações que ocorreram no acesso à informação e na própria logística e mudanças pela qual está passando e indústria cultural e a ideia de comunicação de massa, quando a figura do receptor se modificou e alterou todo esse processo. É indispensável olhar para as novas diretrizes e a repercussão sobre as matrizes curriculares nos cursos de Jornalismo das universidades do Paraná, levando em conta essas perturbações e inquietações.

Constrói-se dessa forma uma problematização de que o ensino de Jornalismo nas Universidades Públicas e Privadas do Paraná está em sintonia ou aproxima-se das práticas jornalísticas do século XXI, que se consolidam cada vez mais em um universo tecnológico, digital, virtual, exigindo novas habilidades do profissional da comunicação, atendendo à pressão de demanda do mercado de trabalho? A seguir, apresenta-se uma análise da realidade dos cursos de Jornalismo no estado do Paraná.

2. O Ensino de Jornalismo no Paraná

A criação dos cursos de Jornalismo no estado do Paraná, região sul do Brasil, ocorre num contexto de rápida expansão dos meios de comunicação, em especial a televisão, introduzida no País pelas mãos do pioneiro Assis Chateaubriand. Jornais impressos, rádios e as primeiras emissoras de televisão passam a ver o jornalista como peça fundamental de suas novas estruturas de produção que importam modelos estratégicos de multinacionais, principalmente norte-americanos.

O surgimento dos cursos de Jornalismo no Paraná funde-se à história da profissão no Brasil. O Paraná ganha seu primeiro curso de Jornalismo em 1956, pela Pontifícia Universidade Católica (PUC/PR) ligado ao curso de Filosofia, seguido pela Universidade Federal (UFPR), que implantou o seu curso, em 1964. A Universidade Estadual de Londrina (UEL) é a terceira instituição a ter curso de Jornalismo, em 1974. É apenas na década de 1990 que outros cursos são criados na capital e interior do Estado. Atualmente, o Paraná tem quatro universidades públicas federais: a UFPR, a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), a Universidade Latino-Americana (Unila) e a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); sete universidades públicas estaduais: a UEL, a Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), a Universidade Estadual de Maringá (UEM), a Universidade Estadual do



Centro-oeste (Unicentro), a Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), a Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), a Universidade Estadual do Paraná (Unespar), pelo menos cinco grandes universidades privadas⁷, além de diversas faculdades isoladas e alguns centros universitários.

A oferta de vagas para o curso de graduação na área é uma das mudanças ocorridas a partir da década de 1990, quando há um aumento significativo da oferta de vagas nos cursos de graduação em Comunicação Social, o que trouxe consequências também para o mercado profissional da área em todo o Brasil e ganha contornos peculiares nas suas diversas regiões e estados.

A participação do jornalista no mercado de trabalho paranaense tem sua história anterior a essa época e mostra que o exercício profissional antecede aos cursos de graduação na área. O Sindicato dos Jornalistas do Paraná (Sindijor/PR) tem um histórico de lutas em defesa dos direitos dos jornalistas e da liberdade da imprensa, desde 1945, ano de sua fundação. Os jornalistas realizaram a sua primeira greve trabalhista em 1963. A história do sindicato tem reflexos diretos nas configurações das empresas de comunicação e no governo vigente.

Com o golpe militar no Brasil de 1964, o movimento sindical no Paraná foi interrompido brutalmente. O relato consta em documento do Sindijor, no caderno de teses, apresentado no 7º Congresso Paranaense dos Jornalistas, realizado em março de 2014. De 1970 a 1988, a atividade sindical dos jornalistas não se mostrou efetiva, frente ao momento do sindicalismo brasileiro, fato que se constata pelo pouco debate político e o afastamento dos trabalhadores, pela falta de atenção às disputas em torno da mobilização em torno das campanhas salariais (SINDIJOR/PR, 2014).

Nesta pesquisa, serão considerados apenas os cursos de Jornalismo oferecidos por instituições classificadas como universidades, sejam elas públicas federais ou estaduais ou privadas.

As públicas são: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - UFPR, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA – UEL, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA - UEPG e a UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE – UNICENTRO.

⁷ Em Curitiba estão situadas a Universidade Positivo (UP); Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), a Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). No interior do Estado tem ainda: a Unopar (Universidade do Norte do Paraná), a Unipar (Universidade Paranaense, situada em Cascavel) .



As privadas são: UNIVERSIDADE POSITIVO - UP, UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ – UTP, a PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ – PUC/PR e a UNIVERSIDADE NORTE DO PARANÁ – UNOPAR.

O Paraná foi um dos estados mais afetados pela explosão do número de vagas ocorrida no final dos anos de 1990 e início da primeira década do século XXI. Houve um aumento de cerca de 200% na oferta de vagas nos cursos superiores de Comunicação Social no Estado. Tamanho aumento de oferta em tão curto espaço de tempo provocou uma série de implicações, tais como: a busca de professores de Jornalismo e a migração de muitos profissionais para o ensino superior, a diferença de qualidade do ensino oferecido nas instituições públicas e privadas; a profissionalização do setor em todo o Estado, inclusive nas cidades pequenas e do interior e mudanças no mercado de trabalho da área, ocorridas por circunstâncias que vão além da formação desses profissionais.

3. Matrizes curriculares

Com base em um levantamento sobre as matrizes curriculares dos cursos de Jornalismo das universidades participantes da pesquisa, entre públicas e privadas, é possível traçar um perfil preliminar de cada curso, sua organização curricular e o projeto pedagógico, de acordo com o modelo do sistema acadêmico adotado, carga horária e oferta das disciplinas. Nesse primeiro estudo exploratório, destacou-se especialmente a inclusão de estudos relacionados ao universo *online* e Tecnologias de Informação e da Comunicação, avaliando a quantidade de disciplinas voltadas exclusivamente ao tema.

Em suas páginas na *internet*, as universidades pesquisadas trazem detalhes sobre o curso de Jornalismo e a formação do aluno. Percebe-se, no entanto, que, embora algumas ofereçam disciplinas voltadas ao Jornalismo *Web/Digital*, nem todas as instituições exploram nos textos de apresentação do curso as tecnologias ou a formação voltada para o ambiente digital, um universo de trabalho que exige, cada vez mais, um profissional multimeio, familiarizado com as multiplataformas.

As matrizes curriculares pesquisadas estão organizadas de acordo com as especificidades de cada curso e revelam fortemente a preocupação com uma formação humanística e de um profissional sintonizado com um mundo globalizado. Nessa fase da pesquisa, foram identificadas as disciplinas que trabalham com as tecnologias pelo nome atribuído a elas, uma vez que, na área reservada às informações sobre o curso de



Jornalismo, nem todas as universidades informam a ementa de cada disciplina. Todos os cursos têm duração de quatro anos, podendo ser concluídos em sete ou oito anos, se for necessário.

3.2 Tabelas comparativas – disciplinas e carga horária

As tabelas a seguir apresentam um comparativo sistematizado das informações constantes nas matrizes curriculares dos cursos de Jornalismo das universidades públicas e privadas do Paraná, participantes da pesquisa. Optou-se dividir por disciplinas ofertadas relacionadas a tecnologias e mídias digitais e informações gerais de cada curso, como anos de implantação, sistema acadêmico, número de alunos por turma, entre outros dados coletados.

TABELA MATRIZES CURRICULARES: PORCENTAGEM ENTRE HORAS-AULA E CARGA HORÁRIA

INSTITUIÇÃO	HORAS-AULA DISCIPLINAS TECNOLOGIAS	CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO	PORCENTAGEM ENTRE DISCIPLINAS TECNOLOGIAS / TOTAL DO CURSO
POSITIVO	240	3.040	7,89%
UNOPAR	240	3.200	7,50%
TUIUTI	252	3.510	7,18%
PUC/PR	200	3.120	6,41%
UEL	105	2.715	3,86%
UNICENTRO	104	2.759	3,76%
UEPG	68	3.597	1,89%

TABELA 3: RELAÇÃO DE PORCENTAGEM ENTRE O TOTAL DE HORAS-AULA DAS DISCIPLINAS DE TECNOLOGIAS OFERTADAS PELAS UNIVERSIDADES E A CARGA HORÁRIA TOTAL DE CADA CURSO

Considerações Finais

A formação do profissional jornalista no cenário brasileiro entra numa nova fase com a aprovação das Novas Diretrizes Curriculares que deverão entrar em vigor a partir de 2015. Do período beletista, assim denominado por José Marques de Melo, por estar ligado aos cursos de Letras e de Filosofia, passando pelos primeiros cursos com



laboratórios específicos até a explosão de vagas por todo o País, há uma longa história para ser contada e compreendida sob o pano de fundo do contexto sociopolítico nacional.

A comunicação está em constante transformação na era tecnológica. Meditsch (2012) sinaliza que receptores e emissores encontram-se em um mesmo patamar e que o “fazer Jornalismo” enfrenta turbulências no mundo contemporâneo, comprometendo, por exemplo, a realização de uma reportagem com profundidade, sem acesso a fontes para entrevista.

“Há de fato novas possibilidades de publicação que são abertas a quase todos, mas o alcance destas publicações depende de muitos fatores. As pessoas [...] não têm o treinamento teórico e técnico necessário para garimpar informações, selecioná-las, testá-las, avalizá-las e apresentá-las ao público em tempo hábil e de maneira atrativa, que é o que faz o bom Jornalismo. (MEDITSCH, 2012, p. 22).

A constatação do autor requer mudanças e investigação. Meditsch eleva esse problema ao papel pedagógico do ensino e da função do Jornalismo em mediar esse processo.

Por isso a mediação do Jornalismo continuará existindo, ainda que necessariamente adaptada a um novo contexto, assim como continuará existindo a mediação do professor, num ambiente em que todo conhecimento humano teoricamente também já pode ser acessado sem ela. Ambas as mediações – dos jornalistas e dos professores – seguirão sendo úteis e necessárias na prática, mesmo que subestimadas por algumas visões teóricas. (MEDITSCH, 2012, p. 22).

O Paraná, ao mesmo tempo que reflete esse cenário, tem em seus cursos, sua própria história de desenvolvimento espelhada e isso que pode ser observado nas suas matrizes curriculares e na absorção dos seus egressos pelo mercado de trabalho.

Os currículos dos cursos de Jornalismo das oito universidades públicas e privadas, muito nos revelam, nessa fase da pesquisa, sobre a formação do jornalista do século XXI. Ponto de observação preponderante do projeto, as disciplinas voltadas a tecnologias e mídias digitais ocupam ainda pouco espaço no currículo acadêmico atual. Entre as universidades (públicas e privadas), o tempo de aula destinado a essas disciplinas não passa de 10% da carga horária total de cada curso. Não foi possível constatar nesse momento se as matrizes curriculares já atendem às novas diretrizes



curriculares do MEC, fato que será analisado posteriormente, mas percebe-se que há espaço para que o debate sobre esse tema avance.

Referências

CADERNO de Teses. 7º Congresso Estadual dos Jornalistas – Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná. Curitiba: Sindijor/PR, 2014.

COSTA, Carlos. **Novas Tecnologias e o ensino de Jornalismo**. Líbero – Ano XI – nº 22 – Dez. 2008. Disponível em:

<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/view/6079/5544>.

Acessado em 23 de agosto de 2013.

F/Radar - Panorama do Brasil na Internet. Disponível em:

http://www.fnazca.com.br/index.php/2014/12/16/fradar-14%C2%AA-edicao/http://www.fnazca.com.br/wp-content/uploads/2014/12/fradar-14_publica-site.pdf Acessado em 24 de abril de 2014.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo (org.). **Comunicação, hegemonia e contrainformação**. São Paulo: Cortez-Intercom, 1982.

MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia e Pesquisa para o Jornalismo que está por vir: a função da universidade e os obstáculos para sua realização**. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo**. PARECER CNE/CES Nº:39/2013. Disponível em

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=18550:pareceres-cne-2013 Acessado em 24 de abril de 2015.

MORAES, Welliton. **Em nova fase**. Meio & Mensagem – especial internet e mídias sociais, São Paulo, 28 de julho de 2014. p. 32 e 33.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.